



Onde o Tempo Mora: A Poética do Design nas Cittaslow

Where Time Lives: The Poetics of Design at Cittaslow

Danielle Comitre Thomaz¹, Gheysa Prado²,

¹Universidade Federal do Paraná, Mestre, daniellecomitre@ufpr.br

²Universidade Federal do Paraná, Doutora, gheysa.prado@ufpr.br

Resumo. Este artigo investiga de que forma os princípios do movimento Cittaslow podem contribuir para o planejamento urbano sustentável. A partir de uma revisão bibliográfica narrativa, foram analisadas publicações nacionais e internacionais identificadas com o uso de termos como Cittaslow, Slow Movement, Slow Cities e Design. Os critérios de seleção priorizaram estudos que abordam o movimento em sua dimensão urbana. Os resultados indicam que o Cittaslow contribui para o design urbano ao promover práticas que valorizam o território, como a preservação de traçados históricos, o uso de materiais locais e o incentivo ao co-design. Essas estratégias fortalecem a identidade cultural e estimulam formas mais lentas e sustentáveis de habitar cidades. Conclui-se que os princípios do Cittaslow oferecem diretrizes relevantes ao design urbano, especialmente quando se considera a relação entre projeto, território e modos de vida sustentáveis.

Palavras-chave. Cittaslow; design e território; Slow Movement; cidades sustentáveis.

Abstract. This article investigates how the principles of the Cittaslow movement can contribute to sustainable urban planning. Based on a narrative literature review, national and international publications were analyzed using keywords such as Cittaslow, Slow Movement, Slow Cities, and Design. The selection criteria prioritized studies that address the movement from an urban perspective. The results indicate that Cittaslow contributes to urban design by promoting practices that value the territory, such as the preservation of historical layouts, the use of local materials, and the encouragement of co-design. These strategies strengthen cultural identity and foster slower and more sustainable ways of inhabiting cities. It is concluded that the principles of Cittaslow offer relevant guidelines for urban design, especially when considering the relationship between design, territory, and sustainable lifestyle

Keywords: Cittaslow; Design and territory; Slow Movement; Sustainable cities.



1 Introdução

O processo de urbanização tem se intensificado em escala global nas últimas décadas, provocando profundas transformações nas dinâmicas e nas formas de viver nas cidades. Atualmente, cerca de 56,9% da população mundial vive em áreas urbanas, com estimativas apontando para um crescimento que pode alcançar 70% até 2050 (UNCTAD, 2022). Esse crescimento, muitas vezes impulsionado por políticas desenvolvimentistas centradas no progresso econômico, tem gerado impactos relevantes sobre o meio ambiente, a infraestrutura urbana e, sobretudo, sobre a qualidade de vida das pessoas que habitam e ocupam estes espaços (Climate Action, 2020; UGC, 2022).

É sabido que esse processo não ocorre de maneira homogênea nem equitativa. Muitas cidades, especialmente nos países em desenvolvimento, enfrentam os efeitos de um crescimento acelerado e desordenado, como o aumento da poluição atmosférica, a fragmentação do tecido urbano, a sobrecarga dos sistemas de transporte e saneamento, e a expansão periférica com pouca oferta de serviços públicos essenciais (Angel et al., 2016; UN-Habitat, 2020). No Brasil, por exemplo, mais de 85% da população já vive em áreas urbanas (IBGE, 2023), mas as diversas desigualdades persistem, entre elas, o desafio no acesso a espaços verdes e na mobilidade ativa.

A lógica que hoje estrutura as cidades está profundamente marcada pela aceleração dos ritmos de vida, pela valorização da produtividade e pelo consumo contínuo, moldando territórios voltados cada vez mais à eficiência do que à convivência. Embora a urbanização sempre tenha implicado disputas e desigualdades, o advento da Revolução Industrial intensificou a fragmentação do tempo e do espaço urbano, redefinindo a relação das pessoas com o cotidiano e com o ambiente construído (Bauer, Neto & Trigo, 2015). Como já apontava Milton Santos (1996), esse processo consolidou uma racionalidade técnica e instrumental que subordina o espaço urbano aos interesses do capital, aprofundando desigualdades e enfraquecendo os vínculos com o lugar. Esse processo consolidou uma cultura da pressa, na qual o tempo é instrumentalizado em função do rendimento, e os modos de vida são regulados por métricas de desempenho e consumo (Rosa, 2019; Han, 2015). O que se observa não é uma escassez de produção, mas um excesso de consumo orientado por lógicas de obsolescência e descartabilidade, que reforçam dinâmicas insustentáveis nos ambientes urbanos, mas que impactam também fora deles (Severiano, 2017). Com a vida nas cidades marcada pela pressão do tempo, não há a devida valorização do lazer, das relações interpessoais e da cultura local, o que impacta diretamente na saúde mental e no bem-estar social (Han, 2015). Estudos mostram que viver em cidades densas, ruidosas e excessivamente digitalizadas está associado a aumentos significativos nos índices de ansiedade, depressão e burnout (McIntosh, 2018; Oliveira et al., 2021; Twenge & Campbell, 2018). Mais recentemente, novos estudos também têm apontado que o esse tipo de ambiente pode ser responsável também por diabetes, doenças cardíacas e até demência (Gallagher, 2025). Além disso, Garhammer (2002) demonstra que a aceleração do cotidiano urbano compromete a satisfação com a vida, na medida em que limita o tempo destinado ao lazer e ao convívio comunitário.



Embora os estudos sobre a aceleração da vida tenham se concentrado principalmente nos grandes centros urbanos — diretamente impactados pela globalização e pelas transformações tecnológicas (Panait, 2012; Tolley; Tranter, 2022) —, essas mudanças também afetam cidades menores. Nessas localidades, o imperativo de competitividade global se manifesta por meio da desestruturação das economias e práticas sociais locais, bem como pela homogeneização cultural e simbólica dos lugares (Mayer; Knox, 2010).

Segundo Hervé Théry (2008), a globalização intensifica a competição entre territórios, promovendo uma desterritorialização que, paradoxalmente, reforça a necessidade de reterritorialização. Isso ocorre porque, ao padronizar práticas e valores em escala global, muitas localidades perdem suas especificidades culturais e econômicas, levando a uma desconexão entre as comunidades e seus territórios. Théry destaca que o território não é apenas um suporte físico, mas uma construção social que pode ser transformada pelos seus habitantes, tornando-se um desafio e um trunfo no contexto global.

Além disso, Márcio Vieira de Souza (2005), ao discutir a desterritorialização, enfatiza que a globalização promove o deslocamento de indivíduos e ideias, desenraizando-os de seus contextos originais. Esse processo resulta em uma espécie de desterritorialização generalizada, onde as conexões locais são substituídas por relações distantes, muitas vezes desconectadas das realidades e necessidades locais.

Em resposta a essa lógica, surgiram, a partir dos anos 1990, diversos movimentos de base comunitária que buscam recuperar a especificidade local e promover o bem-estar e estilos de vida mais sustentáveis. Nesse cenário, emergem iniciativas que propõem desacelerar o cotidiano como forma de resistência e reconexão com o tempo humano e com os territórios.

Entre esses movimentos, destaca-se o *Slow Movement*, que propõe uma crítica ao ritmo frenético do consumo moderno e valoriza a qualidade, o tempo e os saberes locais (Honoré, 2004). É nesse contexto que surge o movimento *Cittaslow*, fundado em 1999, como uma vertente urbana desse movimento, voltada para cidades de pequeno porte que buscam preservar sua identidade cultural, promover o bem-estar social e estruturar políticas públicas sustentáveis em harmonia com os ritmos locais (Mayer; Knox, 2006; Oliveira, 2021). O *Cittaslow* propõe não apenas uma desaceleração do modo de vida urbano, mas uma reconexão com o território e com as singularidades que compõem a memória, os saberes e a cultura de cada localidade.

Nesse contexto, o design assume um papel fundamental como agente articulador entre comunidade, território e práticas sustentáveis. Para Krucken (2009), o design contemporâneo tem o potencial de fortalecer as especificidades locais ao promover sistemas colaborativos de produção e consumo, estimular a valorização de recursos endógenos e contribuir para a criação de redes sociais e econômicas baseadas na confiança e na cooperação. Ao atuar na interface entre tradição e inovação, o design possibilita a



ressignificação dos modos de vida locais e o fortalecimento da identidade territorial. Mais do que um instrumento técnico, ele se torna um meio de mediação cultural, capaz de reconectar os indivíduos ao lugar que habitam, e de sustentar, material e simbolicamente, projetos de desenvolvimento mais sensíveis à diversidade e à sustentabilidade.

É nesse contexto que a filosofia *Cittaslow* ganha relevância como resposta concreta aos desafios contemporâneos das cidades. O movimento propõe um novo olhar sobre o território urbano: trata-se de uma cidade que respeita os tempos da vida, valoriza a produção local, promove a sustentabilidade, o bem-estar, valorização do território, fortalecendo os laços comunitários. Segundo Çiçek et al. (2023), as cidades que adotam os princípios do *Cittaslow* experimentam maior satisfação dos habitantes, fortalecimento da identidade cultural e melhor equilíbrio entre desenvolvimento e bem-estar coletivo.

As chamadas “cidades lentas” não pretendem retroceder no tempo, mas sim avançar de forma mais consciente, tornando-se lugares onde a tecnologia serve à convivência, e não à exclusão; onde a infraestrutura é pensada para pessoas, e não apenas para fluxos econômicos. Assim, o *Cittaslow* emerge como um caminho possível para repensar o desenvolvimento urbano diante das crises do presente: crise climática, crise sanitária, crise de sentido e crise das relações (Cittaslow, 2025).

Este artigo busca compreender o *Cittaslow* e seus princípios, e como podem contribuir para o design urbano, promovendo cidades mais conectadas com o ritmo das pessoas, promotores do bem-estar e com a singularidade dos lugares. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica narrativa, que investigou o movimento e as possibilidades de integração entre seus valores e práticas projetuais que favoreçam ambientes urbanos mais humanos, sustentáveis e coletivos.

A presente pesquisa está organizada em quatro seções principais. Após esta introdução, o capítulo de procedimentos metodológicos apresenta a abordagem adotada, com foco na revisão bibliográfica narrativa e nos caminhos percorridos para a seleção e análise do material consultado. Em seguida, o capítulo de resultados aprofunda a compreensão do movimento *Cittaslow*, explorando sua origem, princípios, critérios de adesão e difusão global. O capítulo de discussão propõe uma reflexão crítica sobre o *Cittaslow* à luz das contribuições do design, com ênfase na valorização do território, da identidade local e das práticas sustentáveis. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados e apontam possibilidades de desdobramentos do tema no campo do design urbano.

2 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa adotou, como principal procedimento metodológico, a revisão bibliográfica do tipo narrativa, com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre o movimento *Cittaslow*, investigando seu contexto de surgimento, seus princípios orientadores, suas características fundamentais e suas interrelações com o campo do design urbano.



A revisão narrativa foi escolhida por sua flexibilidade e caráter interpretativo, permitindo uma construção discursiva e crítica a partir da literatura existente, sem seguir protocolos rígidos, como ocorre nas revisões sistemáticas. De acordo com Creswell (2010), esse tipo de revisão é especialmente indicado em pesquisas qualitativas e exploratórias, pois possibilita o mapeamento de conceitos, a identificação de lacunas e o aprofundamento de discussões a partir de múltiplas fontes.

O levantamento bibliográfico foi desenvolvido em etapas complementares. Inicialmente, realizou-se uma busca exploratória, tendo como ponto de partida o termo “Cittaslow”. A partir dele, aplicaram-se operadores booleanos, como o AND, combinando-o com expressões relacionadas para ampliar o escopo temático da investigação. Entre as combinações utilizadas, destacam-se: “Cittaslow AND Slow Movement”, “Cittaslow AND Design”, “Slow Cities AND Slow Movement” e “Slow Cities AND Design”.

Na etapa seguinte, foram definidos os critérios de inclusão e exclusão dos materiais. Utilizou-se a técnica de amostragem em bola de neve (Biernacki & Waldorf, 1981), por meio da qual as referências de um texto conduzem à descoberta de outras fontes relevantes. Essa abordagem se mostrou eficaz para identificar autores e publicações significativas, contribuindo para o aprofundamento do corpus bibliográfico.

A terceira etapa consistiu em uma busca sistematizada em diferentes bases de dados acadêmicas, como Google Acadêmico, ResearchGate, Periódicos CAPES e o site oficial da *Cittaslow International*. Inicialmente, não foram aplicados filtros quanto ao idioma ou ao período de publicação, a fim de garantir uma amostra ampla e diversificada. Contudo, observou-se uma predominância de estudos voltados ao turismo – particularmente ao “*Slow tourism*” – que não correspondiam ao foco da presente pesquisa. Esses materiais foram, portanto, excluídos, priorizando-se estudos que abordam o Cittaslow sob a perspectiva do urbanismo, da qualidade de vida e do design.

Os materiais selecionados foram organizados e gerenciados por meio do software Mendeley, ferramenta que auxiliou na classificação, leitura, anotação e consulta das referências ao longo do desenvolvimento da pesquisa (FERENHOF & FERNANDES, 2016).

As leituras e fichamentos realizados ao longo desse processo fundamentaram teoricamente a análise proposta, servindo como suporte para a construção das seções seguintes, incluindo os resultados, a discussão e as considerações finais da pesquisa.

3 Resultados

Em um mundo cada vez mais regido pela pressa, crescem os movimentos que defendem o retorno a ritmos mais lentos, sustentáveis e humanos. O *Cittaslow*, originado na Toscana (Itália), em 1999 por Paolo Saturnini, propõe uma nova maneira de pensar e viver a cidade — um convite à desaceleração, à valorização da cultura local e à construção de espaços mais sensíveis às necessidades cotidianas (Oliveira, 2021). Inspirado no Slow Movement, o Cittaslow busca transformar cidades pequenas em espaços de maior qualidade de vida, incentivando práticas sustentáveis e uma relação mais equilibrada com



o ambiente urbano (Mayer; Knox, 2006).

A trajetória do *Cittaslow* começa na década de 1980 com o surgimento do *Slow Food*, fundado por Carlo Petrini em 1986, na região de Piemonte, Itália. Como reação ao avanço das redes de fast food e à homogeneização dos hábitos alimentares, o *Slow Food* defendeu o prazer de comer bem, valorizando alimentos locais, preparados artesanalmente, e resgatando o “tempo redescoberto” à mesa (Petrini, 2007; Mallet, 2018). O *Slow Food* não apenas recupera práticas alimentares tradicionais, como também inspira novas formas de organização da vida urbana, mais próximas da terra, das relações humanas e do tempo natural das coisas (Petrini, 2011).

A proposta expandiu-se para além da alimentação, inspirando o chamado *Slow Movement*, que propõe uma desaceleração em várias esferas da vida: do consumo à educação, do design ao urbanismo. Foi nesse contexto que, em 1999, Paolo Saturnini — então prefeito de Greve in Chianti — reuniu outros três prefeitos de cidades pequenas italianas (Orvieto, Bra e Positano), todos já envolvidos com o *Slow Food*, para fundar o *Cittaslow*. A ideia era transpor os valores do movimento para a vida urbana, criando ambientes mais agradáveis, saudáveis e enraizados na cultura local (Senetra & Szarek-Iwaniuk, 2020).

Cittaslow — ou “cidade lenta” — não significa ausência de progresso ou rejeição da tecnologia. Ao contrário, trata-se de um modelo de desenvolvimento urbano que prioriza o bem-estar, a sustentabilidade e a identidade local em detrimento da pressa, do consumo desenfreado e da padronização. Como contraponto à chamada “McDonaldização da sociedade”, as cidades lentas defendem a autenticidade em vez da cópia, o silêncio em vez do ruído, e as árvores no lugar do concreto (Grzelak-Kostulska et al., 2011).

Voltado preferencialmente a cidades com menos de 50 mil habitantes, o movimento entende que, nessas localidades, há maior abertura para a participação cidadã e para uma gestão pública mais próxima da realidade local (Mayer; Knox, 2006; Oliveira, 2021). A partir dessa perspectiva, o *Cittaslow* propõe a criação de uma rede internacional de cidades comprometidas com uma nova lógica de urbanismo que valoriza o ritmo do cotidiano, o cuidado com o meio ambiente e a convivência social (Raco; Durrant; Livingstone, 2018).

A participação ativa dos moradores é um dos pilares do *Cittaslow* e aproxima o movimento de conceitos como o “direito à cidade”, formulado por Henri Lefebvre e fortalecido por uma série de cartas internacionais, como a Carta Mundial pelo Direito à Cidade (2005), a Carta de Leipzig (2007) e a Nova Agenda Urbana (2016). Esses documentos propõem diretrizes para o desenvolvimento urbano centrado nas pessoas, com ênfase na inclusão social, na sustentabilidade e na governança democrática. Ao promover processos deliberativos lentos, que respeitam o tempo da escuta e da construção coletiva, o *Cittaslow* oferece uma alternativa concreta às dinâmicas tecnocráticas que frequentemente moldam os centros urbanos. Ao reivindicar o espaço público como lugar de encontro, afeto e



decisão, o movimento (re)posiciona o cidadão no centro do planejamento urbano, restaurando o vínculo entre as pessoas e o lugar que habitam (Citego, 2025).

Para fazer parte da Associação Internacional *Cittaslow*, as cidades devem atender ou demonstrar compromisso com um conjunto de critérios organizados em sete áreas principais (Ak, 2017):

- Políticas ambientais: Uso de energias renováveis, redução da poluição sonora e atmosférica, incentivo a áreas verdes.
- Políticas de infraestrutura: Promoção do transporte público, acessibilidade e arquitetura ecológica.
- Qualidade de vida urbana: Inclusão de espaços de convivência, controle da publicidade visual, conservação do patrimônio arquitetônico.
- Políticas agrícolas, turísticas, comerciais e artesanais: Apoio à produção local, ao turismo sustentável e ao artesanato tradicional.
- Planos de acolhimento e sensibilização: Estratégias para envolver a comunidade, acolher visitantes e promover a educação ambiental e cultural.
- Coesão social: Fomento ao pertencimento, inclusão e participação cidadã.
- Sensibilização: Promoção da filosofia do movimento junto à população.

Além desses critérios, algumas características centrais definem uma cidade *Cittaslow* (Ak, 2017; Oliveira, 2021):

- População inferior a 50.000 habitantes (com exceções avaliadas pelo comitê).
- Incentivo ao *Slow Living* e à gestão participativa.
- Valorização de produtos e tradições locais.
- Ausência de redes de fast food e grandes supermercados.
- Restrição ao tráfego de veículos nos centros históricos.
- Incentivo à restauração de edifícios antigos.
- Criação de espaços verdes e preservação do ambiente urbano.
- Incentivo à inovação tecnológica alinhada à qualidade de vida.

As cidades que desejam se tornar membros podem se enquadrar em três categorias:

- Povoado *Cittaslow*: menos de 50 mil habitantes;
- Partidário *Cittaslow*: mais de 50 mil habitantes;
- Amigo *Cittaslow*: indivíduos e famílias simpatizantes com o movimento.

O manifesto *Cittaslow* contém setenta recomendações e obrigações, sendo as principais (Citego, 2025):

- Valorização do patrimônio urbano histórico, evitando a construção de novos edifícios.
- Redução do consumo de energia.
- Promoção de tecnologias ecológicas.
- Multiplicação de espaços verdes e áreas de lazer.



- Limpeza da cidade.
- Prioridade ao transporte público e outros transportes não poluentes.
- Redução de resíduos e desenvolvimento de programas de reciclagem.
- Aumento do número de áreas para pedestres.
- Desenvolvimento do comércio local.
- Desenvolvimento de infraestruturas comunitárias e equipamentos adaptados para pessoas com deficiência e diferentes idades.
- Desenvolvimento de uma verdadeira democracia participativa.
- Preservação e desenvolvimento de costumes locais e produtos regionais.
- Exclusão de organismos geneticamente modificados (OGMs).

Importante frisar que nenhuma cidade precisa atender a todos os critérios imediatamente. O que se espera é a apresentação de um plano com metas e ações concretas para sua implementação progressiva (Karabağ et al., 2012). Esse modelo permite a adaptação do regulamento às realidades locais, evitando a homogeneização e promovendo a diversidade cultural e urbana entre os membros da rede (Ak, 2017).

Desde sua fundação, o movimento se expandiu significativamente. Hoje, existem mais de 280 cidades certificadas em mais de 30 países, entre eles Itália, Alemanha, Coreia do Sul, Polônia, Noruega, Turquia, Japão e Canadá. Cada país possui uma rede nacional que adapta os princípios do *Cittaslow* às especificidades territoriais e culturais, formando uma comunidade global de cidades comprometidas com a desaceleração urbana e o bem-viver (Radstrom, 2014).

No Brasil, há apenas uma cidade certificada como *Cittaslow*: Socorro, no interior de São Paulo. Reconhecida em 2015, Socorro tem investido em turismo de base comunitária, inclusão de pessoas com deficiência, e ações voltadas à sustentabilidade e ao fortalecimento da identidade local — o que evidencia seu alinhamento aos valores do movimento (Cittaslow, 2025).

Ainda que o turismo não seja o foco principal do movimento *Cittaslow*, é inegável que ele se articula com práticas de turismo sustentável e de base comunitária, especialmente em cidades de pequeno porte. O site oficial da rede, inclusive, oferece uma seção voltada a serviços e experiências turísticas, o que demonstra sua abertura a esse tipo de prática. Estudos como o de Park e Kim (2015) revelam que a implementação do *Cittaslow* pode fortalecer o senso de pertencimento local e estimular o empoderamento comunitário por meio do desenvolvimento de atividades turísticas enraizadas na identidade cultural, na gastronomia e nos modos de vida locais. O turismo, nesse contexto, torna-se um vetor de valorização do território e de geração de renda, sem comprometer a sustentabilidade e os princípios do movimento. Trata-se, portanto, de uma abordagem que integra hospitalidade e pertencimento, oferecendo ao visitante uma experiência sensível e situada — e à comunidade, a possibilidade de protagonismo.

No caso de Goolwa, na Austrália — primeira cidade fora da Europa a obter a certificação —, a implementação do *Cittaslow* resultou em uma série de ações lideradas



pela comunidade, como festivais gastronômicos, eventos culturais e projetos de valorização do patrimônio local. Essas iniciativas fomentaram o turismo de base comunitária, mas, mais do que isso, fortaleceram os vínculos entre moradores, território e identidade coletiva (Park & Kim, 2015). Esse processo dialoga com a abordagem proposta por Krucken (2009), que entende o design como um mediador territorial, capaz de articular os recursos simbólicos, sociais e produtivos de uma localidade a partir de práticas colaborativas e situadas. O *Cittaslow*, nesse sentido, não deve ser compreendido apenas como um selo ou estratégia de promoção turística, mas como uma proposta ampla de reorganização do espaço urbano baseada na escuta, no pertencimento e na valorização do cotidiano. Sua potência reside justamente na ativação das capacidades locais e no convite à construção coletiva de um novo imaginário de cidade.

Além disso, de acordo com Thomaz e Prado (2023), o *Cittaslow* está fortemente alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente aos ODS 11 e 13. Ao promover cidades mais inclusivas, sustentáveis e resilientes, o movimento contribui para a construção de espaços urbanos que priorizam o bem-estar, a preservação ambiental e a redução da pegada de carbono. Suas práticas favorecem uma convivência mais próxima entre pessoas e território, fortalecendo o senso comunitário e incentivando ações locais diante dos desafios climáticos globais.

4 Discussão

Este artigo busca compreender o *Cittaslow* e seus princípios, e como podem contribuir para o design urbano, promovendo cidades mais conectadas com o ritmo das pessoas, promotores do bem-estar e com a singularidade dos lugares. A discussão sobre o movimento *Cittaslow* à luz do design e do território evidencia uma abordagem que vai além da organização espacial ou da gestão urbana. Trata-se de um convite a repensar as relações cotidianas, a escala dos processos urbanos e a forma como os lugares são experienciados. Ao se debruçar sobre a articulação entre design e território, torna-se possível compreender que os espaços urbanos não são meramente físicos, mas sim construções simbólicas, culturais e afetivas (Krucken, 2009). Nesse sentido, o design, enquanto prática projetual situada, pode atuar como catalisador de processos de reterritorialização que promovem a valorização dos saberes locais, o fortalecimento comunitário e a ressignificação das práticas cotidianas.

O *Cittaslow*, como desdobramento urbano do *Slow Movement*, apresenta-se como uma proposta alternativa à lógica hegemônica de desenvolvimento urbano baseada na aceleração, na competitividade e na homogeneização dos espaços. Seus princípios – que incluem desde a valorização da produção local até o estímulo à participação cidadã – têm como base uma concepção ampliada de qualidade de vida, enraizada na identidade dos lugares. Isso aproxima o movimento de concepções contemporâneas de design territorial, que, segundo Krucken (2009), compreendem o território como um sistema em constante negociação entre cultura, ambiente e práticas sociais.



Nesse ponto, emerge uma questão fundamental: o *Cittaslow* é um movimento local ou global? A resposta talvez esteja na própria complexidade do conceito de "glocal". Conforme Robertson (1995), o "glocal" se refere à simultaneidade da universalização e da particularização – ou seja, à capacidade de integrar valores locais a dinâmicas globais sem que isso implique em perda de identidade. O *Cittaslow* opera justamente nesse limiar: promove redes internacionais de cidades que compartilham princípios comuns, mas cuja aplicação se dá de forma específica a cada território. Trata-se de um movimento global com ações locais, no qual a escala pequena não é sinônimo de isolamento, mas sim de conexão qualificada.

Contudo, essa proposta glocal também levanta críticas. Uma delas diz respeito ao próprio nome "*Cittaslow*". O uso de termos de línguas diferentes – "*città*" (cidade, em italiano) e "*slow*" (lento, em inglês) – pode parecer contraditório dentro de um movimento que tanto defende a valorização da cultura local. Ainda mais curioso é o fato de que o nome oficial do movimento não inclui o acento em "*città*", apesar de essa ser a grafia correta em italiano. Essa escolha não é apenas uma questão tipográfica, mas simbólica: sugere certa concessão ao idioma global dominante (o inglês), o que pode enfraquecer a coerência discursiva do próprio movimento. Ao adotar uma marca linguística híbrida, o *Cittaslow* dialoga com o mundo, mas também abre margem para questionamentos sobre a verdadeira centralidade da cultura local em sua estrutura comunicacional.

Outra crítica relevante diz respeito à restrição populacional para a adesão ao movimento. De acordo com os critérios oficiais, apenas cidades com menos de 50 mil habitantes podem se tornar membros da rede *Cittaslow* (Cittaslow, 2025). Embora essa escolha busque garantir uma escala urbana mais propensa ao contato humano e à governança participativa, ela exclui realidades territoriais complexas, como os bairros ou distritos de grandes cidades que apresentam características e demandas compatíveis com os princípios do movimento. Seria possível imaginar, por exemplo, um bairro de uma metrópole como São Paulo ou Belo Horizonte implementando práticas de cidade lenta? Afinal, como argumenta Lefebvre (1999), o direito à cidade também é o direito à experimentação urbana, mesmo em contextos fragmentados.

Isso nos leva à importância de pensar o *Cittaslow* não apenas como um selo institucional, mas como uma filosofia aplicável em diferentes escalas. O design, nesse contexto, pode atuar como um meio para adaptar os princípios do movimento a territórios não reconhecidos formalmente como "cidades lentas", mas que buscam resgatar a relação entre tempo, espaço e vida urbana. Práticas de design comunitário, intervenções participativas e projetos orientados pela escuta ativa das comunidades podem contribuir para instaurar dinâmicas mais lentas e sensíveis mesmo em territórios periféricos ou bairros densamente povoados (Manzini, 2008).

Além disso, ainda que o turismo não seja o foco central do movimento, ele aparece como uma estratégia recorrente nas cidades *Cittaslow*. O site oficial, por exemplo, oferece pacotes de turismo com foco na autenticidade, nos saberes tradicionais e na gastronomia local. Essa proposta se aproxima do chamado "*Slow Tourism*", que valoriza experiências



imersivas, sustentáveis e conectadas ao cotidiano das comunidades anfitriãs (Fullagar, Wilson & Markwell, 2012). Em contextos de cidades pequenas, onde as oportunidades econômicas podem ser limitadas, o turismo de base comunitária pode representar uma alternativa viável de renda, desde que estruturado de forma ética e participativa.

Entretanto, cabe cautela: há riscos de que o *slow tourism*, se mal implementado, se transforme em uma nova forma de exploração simbólica dos territórios. A romantização do “lento”, do “tradicional” e do “autêntico” pode alimentar dinâmicas de gentrificação rural ou folclorização das culturas locais (Salazar, 2012). O papel do design, nesse caso, é fundamental para evitar tais armadilhas, atuando como mediador sensível entre visitantes e comunidades, e garantindo que os processos turísticos respeitem as dinâmicas locais e promovam relações justas e recíprocas.

Por fim, é preciso reconhecer que, embora o *Cittaslow* tenha surgido na Itália e mantenha forte presença na Europa, há um enorme potencial de expansão crítica e criativa em países do Sul Global. As cidades latino-americanas, por exemplo, enfrentam desafios profundos de desigualdade, precarização urbana e crise ambiental – mas também são territórios de resistência, de inovação social e de solidariedade comunitária. Como destacam Acsehrad (2013) e Haesbaert (2014), o território é também espaço de conflito e de possibilidade. Assim, pensar o *Cittaslow* e seus princípios a partir do design, do território e do contexto latino-americano é também uma forma de reimaginar o movimento, incorporando novas vozes, práticas e saberes que podem enriquecer sua aplicação e torná-lo mais inclusivo e plural.

5 Considerações

O movimento *Cittaslow* propõe um modelo de desenvolvimento urbano que pode contribuir significativamente para o design em múltiplas frentes. Seja na concepção de espaços urbanos mais humanos e sustentáveis, no fortalecimento da produção local, na mediação de processos participativos mais interativos e eficientes, ou na construção de identidades visuais mais coerentes. Suas diretrizes dialogam diretamente com os princípios do design e ao incorporar essas perspectivas, torna-se possível conceber cidades mais habitáveis, inclusivas e alinhadas a uma visão de futuro sustentável.

A metáfora “onde o tempo mora” não diz respeito apenas à desaceleração do ritmo urbano, mas à concepção de espaços onde o ato de habitar adquire profundidade, presença e sentido. Nesse contexto, a poética do design se manifesta como uma forma sensível de perceber e transformar a cidade, não apenas como técnica, mas como escuta do acontecer humano, como propõe Avendaño (2010). Fundamentado na observação atenta e na emoção, o design transforma o cotidiano em experiências significativas.

Desse modo, o projeto urbano inspirado pela filosofia *Cittaslow* se afasta de soluções padronizadas, apressadas e genéricas, para acolher um pensamento mais intuitivo, interpretativo e simbólico — uma prática poética. Habitar uma cidade *Cittaslow* é também um modo de se relacionar com o mundo que valoriza o tempo, o afeto e o



pertencimento, evocando a concepção filosófica de habitar desenvolvida por Heidegger (2001), para quem este ato está intimamente ligado à construção de sentido e à forma como o ser humano se insere poeticamente no mundo. A poética do design neste cenário é, portanto, um convite para criar com tempo e presença, promovendo experiências urbanas mais sensíveis e humanizadas.

Assim, o design pode ser compreendido não apenas como ferramenta de transformação espacial, mas como prática crítica e cultural que opera na dimensão simbólica da vida urbana. A intersecção entre *Cittaslow*, design e território aponta para a possibilidade de utopias possíveis direcionadas a um futuro urbano mais comprometido com a vida cotidiana, com a sustentabilidade e com a valorização da diversidade dos modos de viver. Mais do que aplicar um modelo pronto, trata-se de adaptar seus princípios à realidade de cada lugar, reconhecendo o potencial criativo e político do projeto situado.

Por fim, a abordagem proposta neste trabalho não se encerra em si mesma. Pelo contrário, abre caminhos para investigações futuras que aprofundem o papel do design em processos de reterritorialização, em práticas colaborativas e na construção de imaginários urbanos alternativos. Diante dos desafios contemporâneos, repensar o tempo e o modo de habitar as cidades é urgente. O *Cittaslow*, nesse contexto, surge como uma provocação: e se desacelerar for, justamente, a melhor e mais rápida forma de avançar?

6 Referências

- ACSELRAD, H. O território como espaço de conflito e de possibilidade. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 56, n. 2, p. 22-38, 2013.
- AK, Duygu. Yavaş Kent (Cittaslow) Hareketi Ve Türkiye Örnekleri Üzerine Bir Değerlendirme. **Journal of International Social Research**, v. 10, n. 52, 2017.
- ANGEL, Shlomo; SHEPPARD, Stephen; SMITH, Robert; YU, Ren. **Urbanizing the global south**. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2016.
- Avendaño L. E. C. UMA VISÃO POÉTICA DO DESIGN. **Revista Belas Artes**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/revistabelasartes/article/view/21>. Acesso em: 10 abril. 2025.
- BAUER, Rafael C. NETTO, Alexandre P.; TRIGO, Luiz G. G. Slow movement: reação ao descompasso entre ritmos sociais e biológicos. **Revista de Estudos Culturais**, n. 2, p. 12-37, 2015.
- BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. "Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling." **Sociological Methods & Research**, vol. 10, no. 2, Nov. 1981, pp. 141-163.
- CliffsNotes. **The effects of urbanization**. 2021. Disponível em: <https://www.cliffsnotes.com/study-guides/sociology/population-and-urbanization/the-effects-of-urbanization>. Acesso em: 10 abr. 2025.



Cittaslow International. **Associação.** Disponível em:
<https://www.cittaslow.org/association>. Acesso em: 10 abril, 2025.

Climate Action. **Urbanization and the climate crisis.** 2020. Disponível em:
<https://www.climateaction.org/news/urbanisation-and-the-climate-crisis>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ÇİÇEK, Derya; AKPINAR, Müge; CEBECİ, Hakan. Urban Slow Movement and Cittaslow Philosophy: A Review of Literature. **Journal of Tourism and Services**, v. 14, n. 28, p. 1–16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29036/jots.v14i28.410>.

CRESWELL, John W. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2010.

FULLAGAR, Simone; WILSON, Erica; MARKWELL, Kevin. **Starting slow**: Thinking through slow mobilities and experiences. *Slow tourism: Experiences and mobilities*, p. 1-10, 2012.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão da literatura como base para redação científica: **Método SSF**. n. 3, p. 550-563, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>. Acesso em: 04 dez. 2022.

GALLAGHER, James. **Como barulho virou 'assassino silencioso' ligado a diabetes, doenças cardíacas e até demência.** BBC News Brasil, 30 mar. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2er2nr7803o>. Acesso em: 20 abril 2025.

GRZELAK-KOSTULSKA, Elżbieta; HOŁUBOWICZ, Wojciech; KOSTULSKI, Tomasz. Cittaslow – idea i praktyka. **Barometr Regionalny**, v. 1, n. 23, p. 9–15, 2011.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço** Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar.** In: Ensaaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

HONORE, Carl. **In Praise of Slowness**: How a Worldwide Movement Is Challenging the Cult of Speed. San Francisco: HarperSanFrancisco, 2004.

IBGE. **População Rural e Urbana.** Disponível em:
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>. Acesso em: 19 abril 2023.

KARABAĞ, Özgür; YÜCEL, Fatih e İNAL, Emin. “Movimento Cittaslow: uma oportunidade para marcar cidades pequenas e desenvolvimento econômico na Turquia”, **Jornal Internacional de Pesquisa Econômica**, S. 313, s. 64-75, 2012.

KRUCKEN, Lia. **Design e Território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo, Brasil: Sebrae, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 5. ed. São Paulo: Centauro, 1999.



MALLET, Sandra. Le label Cittaslow et sa diffusion dans les communes françaises: la lenteur pour produire des espaces durables?. *Territoire en mouvement Revue de géographie et aménagement. Territory in movement Journal of geography and planning*, n. 37, 2018.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E papers, 2008.

MAYER, Heike; KNOX, Paul L. **Small-town sustainability**: Economic, social, and environmental innovation. Basel: Birkhäuser, 2010.

MAYER, Heike e KNOX, Paul L. "Slow Cities: Sustainable Places in a Fast World", *Journal of Urban Affairs*, V. 28, N. 4, p. 321-334, 2006.

MCINTOSH, Colin N. The accelerated life: An eco-evolutionary approach to time pressure and mental health. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 59, n. 3, p. 339-355, 2018.

OLIVEIRA, Eloisa E. Slow Cities: uma experiência da contemporaneidade. *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo* (Online), v. 19, p. 1-9, 2021.

OLIVEIRA, Larissa Carvalho de et al. Aumento da síndrome de burnout na pandemia nos profissionais em geral. *Revista Mosaico*, v. 12, n. 2, p. 85-90, 2021.

PANAIT, Aurelian. Globalization and the Urban Rhythms. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 62, p. 74-78, 2012.

PARK, J.; KIM, S. The Role of Cittaslow in Enhancing Local Identity and Community Empowerment through Tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 23, n. 6, p. 890-909, 2015.

PETRINI, Carlo. **Slow Food Nation**: Why Our Food Should Be Good, Clean, and Fair. New York: Rizzoli, 2007.

PINK, S. (2008). Sense and sustainability: The case of the Slow City movement. *Local Environment*, 13(2), 95-106. doi:10.1080/1354983070158189.

RADSTRÖM, Susanne. A Place-Sustaining Framework for Local Urban Identity: An Introduction and History of Cittaslow. *Italian Journal of Planning Practice*, v. 4, n. 1, p. 90-113, 2014.

RACO, Mike; DURRANT, Daniel; LIVINGSTONE, Nicola. Slow cities, urban politics and the temporalities of planning: Lessons from London. *Environment and Planning C: Politics and Space*, v. 36, n. 7, p. 1176-1194, 2018. DOI: 10.1177/2399654418775105.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: **Time-space and homogeneity-heterogeneity**. In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott; ROBERTSON, Roland (Eds.). *Global Modernities*. London: Sage Publications, 1995. p. 25-44.

ROSA, H. (2019). **Vida acelerada e esgotamento**: ensaio sobre a mera-vida urbana contemporânea. *Cadernos CRH*, 32(86), e19447.



SALAZAR, Noel B. Community-based cultural tourism: issues, threats and opportunities. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 20, n. 1, p. 9–22, 2012.

SENETRA, Adam; SZAREK-IWANIUK, Patrycja. Socio-economic development of small towns in the Polish Cittaslow Network—A case study. **Cities**, v. 103, p. 102758, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Severiano, M. F. V. (2017). Aceleração social e cultura digital: novas formas de dominação. **Revista Comunicações**, 24(2), 83-101.

TOLLEY, Rodney; TRANTER, Paul. **Slow Cities**: Conquering our Speed Addiction for Health and Sustainability. London: Elsevier, 2022.

THÉRY, Hervé. **A globalização e os novos desafios da territorialidade**. In: DORE, Elizabeth; MARTIN, Jean-Louis; SERRANI, Renata (Org.). Globalização e territorialidade: novas dimensões e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 47-61.
THOMAZ, Danielle Comitre; PRADO, Gheysa Caroline. Slow Movement: how this movement relates to the Sustainable Development Goals (SDGs), 2023.

TWENGE, Jean M.; CAMPBELL, W. Keith. Associations between screen time and lower psychological well-being among children and adolescents: Evidence from a population-based study. **Preventive medicine reports**, v. 12, p. 271-283, 2018.

UN-HABITAT. **The world's cities in 2020**: Data book. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme, 2020.

UNCTAD. **World Urbanization Prospects**. United Nations Conference on Trade and Development, 2022. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/tdstat48_FS011_en.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

UGC – Understanding Global Change. **Urbanization and Environmental Impacts**. University of California, Berkeley, 2022. Disponível em: <https://ugc.berkeley.edu/background-content/urbanization/>. Acesso em: 10 abr. 2025.